



**GIL PEDRO DE OLIVEIRA LARA**

**SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE  
EXTENSÃO “MUTIRÃO” DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM  
AGROECOLOGIA YEBÁ NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA  
ETERNA MISERICÓRDIA**

**LAVRAS - MG**

**2019**

**GIL PEDRO DE OLIVEIRA LARA**

**SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE  
EXTENSÃO “MUTIRÃO” DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM  
AGROECOLOGIA YEBÁ NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA  
ETERNA MISERICÓRDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Agronomia, para a obtenção do  
título de Bacharel.

Prof. Dr. Thiago Rodrigo de Paula Assis

Orientador

Dra. Carolina Njaime Mendes

Coorientadora

**LAVRAS - MG  
2019**

**GIL PEDRO DE OLIVEIRA LARA**

**SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE  
EXTENSÃO “MUTIRÃO” DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM  
AGROECOLOGIA YEBÁ NA COMUNIDADE TERAPÊUTICA  
ETERNA MISERICÓRDIA**

**SYSTEMATIZATION OF EXPERIENCE OF THE  
"MUTIRÃO" EXTENSION PROJECT OF THE  
AGROECOLOGY ESTUDIES CENTER YEBÁ IN THE  
ETERNA MISERICÓRDIA THERAPEUTIC COMMUNITY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Agronomia, para a obtenção do  
título de Bacharel.

APROVADO, em 7 de Junho de 2019

---

Ma. Ana Alice Andrade Oliveira – UFLA

---

Dr. Pedro Henrique Barbosa de Abreu – UFLA

---

Prof. Dr. Thiago Rodrigo de Paula Assis  
Orientador

---

Dra. Carolina Njaime Mendes  
Coorientadora

**LAVRAS - MG**

**2019**

*Dedico esse trabalho,*

*Aos Coordenadores e Monitores da Eterna: Renê, Dão,  
Dinho, Tinho e João.*

*Aos Acolhidos da Eterna: Carlúcio (Percival), Racilan,  
Jader, Luís, Wilson, Balotele. Sem o trabalho dos  
acolhidos na horta agroflorestal, não existiria este  
trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço por este trabalho de conclusão de curso e também por toda minha trajetória na Agroecologia, podendo conhecer e experimentar diversos sabores.

À orientação do Prof. Thiago e a coorientação compartilhada da Carol e do Michel, minha gratidão. À banca Ana Alice e Pedro Abreu.

Ao Pai e à Mãe que sempre me apoiam. Esse é o maior ensinamento de amor que tenho. À Lívia, minha limã, que sabe das coisas e tem toda paciência do mundo, quase sempre, em me ensinar. Ao João, meu limão, que com seu violão cura as feridas e constrói amenidades no dia-a-dia. Aos meus antepassados, principalmente avós, que são a quem rezo nos momentos de maiores medos. À toda família que torce pelas minhas vitórias e pelos meus voos.

Aos amigos e amigas de Piracema, Ouro Branco e Congonhas. Nermim, Matheus, Laurita, Verenice, Baybe, Douglas, Adriano, Rena, Tarcísio, Gisélia e Guilé.

Gratidão aos amigos João BX e Rubens que me cederam sua casa em um período difícil para estudar e escrever este trabalho. Ao Oshiro e à Luiza que me ajudaram a fazer o resumo em inglês.

Aos Servidores Seu Manuel e Pezão da UFLA e Lula da UFV.

Aos Professores e Professoras: Irene da UFV, Magela, Maroca, Nelson, Fatima, Luis Cláudio e Leila da UFLA.

A todas entidades e organizações que tive o prazer de conhecer e trocar.

Ninho de Guaxo e CSA Horta Pro Nobis em Lavras.

À Viçosa, ao Bloco e ao EIV-ZM e seus agricultores com e sem terra: Letícia, Tiaguim, Aninha, Pedrim, Piu, Seu Vantuil, Seu Nenê.

Aos Servidores Seu Manuel e Pezão da UFLA e Lula da UFV.

Aos Professores e Professoras: Irene da UFV, Magela, Maroca, Nelson, Fatima, Luis Cláudio e Leila da UFLA.

Ao Grupo Puris e ao PEDS. Gratidão Aroldo, Bel e Joana, Maíra, Diego e Fran.

À Agroecologia do Yebá. Gratidão Banzai, Danilo, Gadú e Tati, Vivino, Paulo, Bea O., André, Iberê, Laila, Vidigal, Estrela e Peô, Euzébio.

Ao Projeto RECA, que me mostrou o poder que a solidariedade têm e a Bea Cabral, companheira de estágio. Aos amigos a amigas que fiz: Gicarlos, Seu Arnaldo e Dona Arlete, Sérgio Lopes e Bernadete, Simone e Fábio, Taysa, Jersi e Diona, Hamilton, Pindoba, Polícia, Alex, Simara, Bianca, Tânia e Bruna, Seu Édson.

Ao Maracatu Baque do Morro, que é inspiração e expiração de arte, cultura, coletividade e resistência: Lucas, Digão, Aline, Fábio, Felipe, Vini, Lari, Amanda, Talita, Júlia, Rafael, Jan, Carol, Pauly, Flora, Lauren, Mona, Emily.

Finalmente à Baunilha, gratidão por compartilhar um lar Luiza, querida parceira! Aos compadres e às comadres: Fael, Andrezim, Fer, Ka, Dona Clarisse e Seu João, Paty, Celso, Mário, Igor e Sumiço. À gatinha Isis e os outros bichos.

*“Eu preciso aprender a ser só. Reagir e ouvir o  
coração responder:*

*Eu preciso aprender a só ser.”*

*Gilberto Gil*

## RESUMO

A partir da criação da Comunidade que Sustenta a Agricultura Horta Pro Nobis (CSA-HPN), o Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá (Yebá) implantou juntamente com os acolhidos da Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM), uma horta agroflorestal em seu sítio, localizado em Lavras - MG. O presente trabalho teve como objetivo geral sistematizar e refletir sobre os mutirões realizados para implantação e manejo da horta agroflorestal. E como objetivos específicos sistematizar a experiência dos mutirões organizados pelo Yebá na CTEM e analisar as dificuldades e aprendizados da realização destes mutirões. Foram realizadas: a metodologia participativa - Rio do Tempo; a sistematização de experiências proposta por Chavez-Tafur (2007) e Holliday (2006); entrevistas com monitores e coordenadores da CTEM; e resgate de informações relevantes por meio dos sistemas eletrônicos e conversas informais com membros da CSA-HPN. No período em que os mutirões tiveram uma alta frequência (julho de 2017 a julho de 2018), teve-se como resultado uma produção diversificada e uma parceria interativa e harmoniosa entre CSA-HPN, Yebá e CTEM. Os dois últimos mutirões realizados (julho de 2018 e abril de 2019) foram muito distantes um do outro, por isso, a parceria perdeu força e a comunicação ficou prejudicada. Concluiu-se que é necessário um planejamento coletivo para adaptar às demandas dos parceiros envolvidos; um estudo constante e aprofundado para dar embasamento teórico a eles; um equilíbrio maior entre os tempos da universidade e da sociedade; e uma avaliação constante e postura crítica às ações.

**Palavras Chaves:** Horta Agroflorestal; Comunidade que Sustenta a Agricultura; Extensão Universitária; Rio do Tempo.

## ABSTRACT

From the creation of the Community Supporting Agriculture Horta Pro Nobis (CSA-HPN), the Agroecology Studies Center Yebá (Yebá) and the Eterna Misericórdia Therapeutic Community (CTEM) patients has set up an agroforestry garden on its farm located in Lavras - MG. This paper aimed to systematize and reflect about the efforts to implement and manage the agroforestry garden. Were carried out: the participatory methodology - Rio do Tempo; the systematization of experiences proposed by Chavez-Tafur (2007) and Holliday (2006); interviews with CTEM monitors and coordinators; and retrieval of relevant information through electronic systems and informal conversations with CSA-HPN members. The period in which mutirões had a high frequency (July 2017 to July 2018), resulted in a diversified production and enabled a harmonious and interactive partnership between CSA-HPN, Yebá and CTEM. The last two mutirões carried out (July 2018 and April 2019) were very distant of each other, so this partnership lost force and communication impaired. Was concluded that is necessary collective planning to adapt the demands of the partners involved; constant and in-depth study to give a theoretical basis to them as well; greater balance between university's and society's time; and also constant evaluation and critical posture about the actions.

**Key-words:** Agroforestry garden; Community Supporting Agriculture; University Extension; River of Time.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	10
<b>2 Referencial Teórico</b> .....	12
2.1 Agroecologia, Agrotóxicos e Comunidade que Sustenta Agricultura (CA).....	12
2.2 Mutirão.....	14
2.3 Sistematização de experiências.....	15
2.4 Extensão universitária.....	17
<b>3 Metodologia</b> .....	19
3.1 Local de Estudo.....	19
3.2 Metodologia dos Mutirões.....	20
3.3 Rio do Tempo realizado na CTEM.....	20
3.4 Teoria de Sistematização.....	21
3.5 Entrevista com CTEM.....	23
<b>4 Resultados e Discussão</b> .....	23
4.1 Construção de Parcerias e Mobilização de Pessoas.....	26
4.2 Formação em Agroecologia.....	34
<b>5 Considerações Finais</b> .....	38
<b>6 Referências Bibliográficas</b> .....	41
<b>APÊNDICE A</b> – Quadro da sistematização.....	43
<b>APÊNDICE B</b> – Relatoria de duas reuniões e de um mutirão.....	45
<b>APÊNDICE C</b> – Questionário de apoio para entrevista semiestruturada com CTEM.....	47

## 1 Introdução

A Agroecologia trata de conceitos fundamentados em movimento/política, prática e ciência, sem uma dessas dimensões não se faz agroecologia (ABREU, 2018; ALTIERI, 2012; CARTA, 2018). A CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) traz elementos nestas três esferas e possibilita esse trabalho holístico e interativo. Nela, cria-se um grupo entre produtores(as) orgânicos e consumidores(as) preocupados com a sustentabilidade de uma relação justa entre campo e cidade (CSA BRASIL, 2015). Os(as) co-produtores(as), assim chamados os(as) membros consumidores das CSA's, são também responsáveis por organizar os aspectos práticos internos da associação formada, combinando local de entrega das cestas e toda a logística demandada, formas de melhorar a produção, intervenções educacionais na sociedade, formas de pagamento, etc. (CSA BRASIL, 2015)

A Comunidade que Sustenta Agricultura Horta Pro Nobis (CSA-HPN) fundada em Lavras – MG no ano de 2017 se organiza através de Grupos de Trabalho (GT's), sendo os que estão envolvidos nessa sistematização são o GT Mutirão, O GT Produção e o GT Educação. Os GT's são uma forma de organização participativa, sendo a responsabilidade compartilhada um dos princípios da CSA. Além deste, existem mais quatro princípios que a CSA-HPN constrói no município de Lavras: Prioridade social e ambiental; Agroecologia; Comprometimento e regularidade; Transparência e ação colaborativa.

A instalação e manejo da horta agroflorestal na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM), que é um centro de reabilitação de dependentes químicos, é um dos trabalhos que o Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá (Yebá), desenvolveu juntamente com a CTEM e a CSA-HPN. Esta instalação da Horta agroflorestal é também uma etapa do trabalho entre CSA e CTEM. Estabeleceu-se então, uma parceria entre três sujeitos: CTEM, CSA-HPN e Yebá, sendo que este último é o elo e o responsável por coordenar as ações desenvolvidas e apresentadas neste trabalho.

O Yebá é um Núcleo de Estudos em Agroecologia da Universidade Federal de Lavras (UFLA) que surge na década de 80 e “busca praticar a pesquisa e a extensão universitária tendo como ferramenta a ciência agroecologia” (PEREIRA et al, 2016, p. 2).

O Núcleo promove e organiza atividades com os princípios da agroecologia e visa o desenvolvimento da extensão rural e urbana na região de atuação.

Como o núcleo faz, principalmente, trabalhos de extensão, aproximando a universidade da sociedade, ele se orienta pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEU), conforme escreveu Pereira (2016, p. 2 e 3):

“Neste sentido, o Núcleo se orienta pela diretriz do Plano Nacional de Extensão no que se refere à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na medida em que o grupo busca: promover espaço de aprendizado para os discentes da universidade que participam deste projeto (por meio de estudos, capacitações, oficinas, atividades teóricas e práticas sobre a ciência agroecologia); construir conhecimento conjuntamente com a sociedade (por meio de eventos e atividades abertas à participação da sociedade, gerando reflexão sobre a realidade em que está atuando, aprendendo com a diversidade de ideias, pensamentos, etc.); levantar questões para futuras pesquisas ao conviver e refletir sobre diferentes realidades, além de gerar resultados científicos como relatórios, resumos e artigos, bem como outros produtos”.

O grupo realizou diversas atividades com famílias agricultoras, escolas e movimentos sociais ao longo de sua existência e atualmente desenvolve, dentre outros, o trabalho de mutirões na CTEM. Entende-se que a horta agroflorestal implantada é uma opção agroecológica de trabalho e tratamento para os acolhidos (homens que por meio da laborterapia permanecem na CTEM por nove meses), além de fornecer diversidade de alimentos para a própria CTEM para a CSA-HPN.

A horta agroflorestal foi implantada em 1º de julho de 2017 e a partir dessa intervenção que se deu no espaço da CTEM, estabeleceu-se uma relação mais próxima e constante, sendo que a partir de então os mutirões se tornaram frequentes. Esses mutirões proporcionaram muitos aprendizados profissionais e pessoais aos e às participantes, seja no momento do próprio mutirão, seja no planejamento, seja na obtenção de benefícios na forma de produtos alimentícios, seja no processo econômico gerado.

Este trabalho apresenta como se deu esse processo de forma objetiva e sistemática, para além da reflexão e autocrítica proporcionada, apontar caminhos para um plantio perene e consistente, tanto na terra como nas relações entre CSA-HPN, CTEM e Yebá. Para isso, foi definido como objetivo geral: sistematizar e refletir sobre o projeto de extensão “Mutirão” do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia; e como objetivos específicos: sistematizar a experiência dos mutirões organizados pelo Yebá na CTEM e analisar as dificuldades e aprendizados da realização destes mutirões.

Para cumprir com esses objetivos este trabalho está organizado em: referencial teórico que busca dar suporte conceitual às discussões que serão apresentadas; nas metodologias usadas para coleta e análise de dados; nos resultados e discussão; e nas considerações que apontarão caminhos para o prosseguimento e melhoria da experiência aqui estudada.

## **2 Referencial Teórico**

### **2.1 Agroecologia, Agrotóxicos e Comunidade que Sustenta Agricultura (CSA)**

A Agroecologia é ciência quando produz conhecimento, questionando a agricultura industrial e desenvolvendo metodologias de estudo para agroecossistemas sustentáveis; é prática no dia a dia de populações tradicionais e neorurais, quando estes estão em coerência com a teoria agroecológica; e é movimento/política, quando mobiliza diversos e diversas atores da ciência e da prática para construção de uma sociedade mais justa, buscando saúde, segurança e soberania alimentar, uma economia solidária e ecológica com equidade de gênero e relações harmoniosas entre campo e cidade (ALTIERI, 2012).

A agricultura industrial anda na contramão da agroecologia e afeta a biodiversidade com a perda de habitats naturais, vastas áreas em paisagens agrícolas homogêneas, perda de agrobiodiversidade como consequência do uso de agrotóxicos e erosão de recursos genéticos (ALTIERI, 2012). Este mesmo autor diz ainda que: “À medida que o modelo industrial foi sendo introduzido nos países em desenvolvimento, a diversidade agrícola foi se erodindo, uma vez que as monoculturas passaram a predominar” (ALTIERI, 2012, p. 24).

A questão dos agrotóxicos também é um dos fatores que causam impacto ambiental, bem como impactos na saúde de quem está envolvido com a atividade agrícola. No trabalho desenvolvido por Abreu (2014), o autor argumenta que não existe “uso seguro” de agrotóxicos, devido à realidade e estrutura geral da agricultura familiar e à complexidade das “medidas de segurança” imposta pelos fabricantes destes produtos. Tais exigências são referentes às atividades de aquisição, transporte, armazenamento, preparo e aplicação, destino final das embalagens vazias e lavagem dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) contaminados (ABREU, 2014). O cumprimento de grande parte dessas “medidas de segurança” é inviável na realidade e estrutura da agricultura familiar e em muitos casos, o agricultor nem sabe da existência delas. Como por exemplo, podemos citar a ordem de vestir e retirar o EPI (Figura 1) e a velocidade do vento a ser avaliada pelo trabalhador rural no

momento da aplicação dos agrotóxicos (Figura 2), que são determinações da associação das indústrias fabricantes de agrotóxicos (Associação Nacional de Defesa Vegetal - ANDEF).

Figura 1: Ordem de vestir e retirar os equipamentos de proteção, segundo “uso seguro”.

Vestir	Retirar
1 - Calça	1 - Boné árabe
2 - Jaleco	2 - Viseira facial
3 - Botas	3 - Avental
4 - Avental	4 - Jaleco
5 - Respirador	5 - Botas
6 - Viseira facial	6 - Calça
7 - Boné árabe	7 - Luvas
8 - Luvas	8 - Respirador

Fonte: Abreu (2014) apud ANDEF - Manual de Tecnologia de Aplicação de Produtos Sanitários 2006.

Figura 2: Velocidade do ar e características do vento a serem consideradas na decisão de aplicar agrotóxicos de forma “segura”.

Velocidade do ar aproximadamente na altura do bico	Descrição	Sinais visíveis	Pulverização
Menos que 2 km/h	Calmo	 Fumaça sobe verticalmente.	Pulverização não recomendável
2,0 - 3,2 km/h	Quase calmo	 A fumaça é inclinada.	Pulverização não recomendável
3,2 - 6,5 km/h	Brisa leve	 As folhas oscilam. Sente-se o vento na face.	Ideal para pulverização
6,5 - 9,6 km/h	Vento leve	 Folhas e ramos finos em constante movimento.	Evitar pulverização de herbicidas
9,6 - 14,5 km/h	Vento moderado	 Movimento de galhos. Poeira e pedaços de papel são levantados.	Impróprio para pulverização

Fonte: Abreu (2014) apud ANDEF - Manual de Tecnologia de Aplicação de Produtos Sanitários 2004.

Abreu (2014) argumenta que, mesmo se todas as medidas de proteção pudessem ser seguidas, haveria ainda outros fatores que inviabilizariam a segurança da aplicação. Como as propriedades dos agricultores são pequenas, por vezes, a distância mínima da aplicação à própria residência, às estradas rurais e às casas de vizinhos não pode ser cumprida (ABREU, 2014).

Uma forma de driblar a cadeia produtiva da agricultura industrial, e por consequência os agrotóxicos, é a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). Esta é considerada uma cadeia curta de comercialização e possibilita que produtor(a) e consumidor(a) se aproximem, criando relações para além da compra e venda de alimentos (SOUZA et al, 2018). O(a) produtor(a) recebe o apoio produtivo, ou seja, os(as) consumidores(as) (chamados(as) de co-

produtores(as)) pagam mensalmente pela produção e não pelo produto. Isso possibilita a produção orgânica/agroecológica e em muitos casos a transição para modelos de produção justos e saudáveis. Além da questão econômica, o(a) consumidor(a) que se associa à CSA busca uma alimentação, mais diversificada, sem agrotóxicos e também construir valores de mercado diferentes dos convencionais (SOUZA et al, 2018). Por isso, a aproximação entre produtor(a)-consumidor(a) é importante para a construção desse meio de comercialização justo, inclusivo e não industrial. Em Lavras, o movimento da CSA Horta Pro Nobis (CSA-HPN) influenciou a relação tanto dos(as) consumidores(as) com o alimento aumentando o consumo de verduras e legumes, realizando ações de melhor conservação e aproveitamento do alimento e reduzindo o desperdício, quanto com os(as) agricultores(as) que produzem seus alimentos (SOUZA et al, 2018).

## **2.2 Mutirão**

A agricultura industrial foi proposta pela Revolução Verde e, a partir daí, veio trazendo desigualdade e dependência dos(as) agricultores(as) familiares em relação a tecnologias cada vez mais caras, não só economicamente, mas também social e ambientalmente. Por isso, o conhecimento tradicional rural acabou ficando subjugado e descredibilizado. Trabalhos coletivos, práticas comuns em comunidades rurais, foram sendo perdidos ao longo do tempo devido à “modernização” industrial do campo, baseada em máquinas e pacotes tecnológicos. Isso reduziu a necessidade de mão de obra humana, ocasionando êxodo rural e exclusão social das pessoas que vivem no campo (ALTIERI, 2012).

Uma forma de resgatar os saberes populares transmitidos de geração a geração pela oralidade, são os mutirões. Este alia criatividade, experiências e conhecimentos que orientam a práxis frente ao ambiente (FREIRE, 2013). A troca de saberes que ocorre no momento do mutirão é um conhecimento e prática popular ancestral, que torna os(as) agricultores(as) ativos(as) e sujeitos(as) de seu papel na sociedade, além de ser uma prática importante na transição agroecológica. O processo de introdução de práticas agrícolas para essa transição, que ocorre durante os mutirões, é uma forma de consolidar novos estilos de agricultura (COSTABEBER, 1998), com o cuidado de resgatar valores e formar indivíduos profissionais adaptados a realidade rural, respeitando o(a) próximo(a) no convívio diário, com sua bagagem e particularidade, sem achar que ensinar é transferir conteúdos (FREIRE, 1997).

Na formação de profissionais na Agroecologia, a realidade agrária requer capacidades de atuar junto à complexidade da agricultura familiar e na transição agroecológica para além do aspecto técnico (CAPORAL, 2011). Para isso, é necessário praticar uma visão holística, humana e ética nas relações sociais estabelecidas.

Segundo Amauri, agricultor de Espera Feliz (Zona da Mata Mineira), o segredo da natureza é trabalhar em mutirão (CARDOSO, 2008).

### **2.3 Sistematização de experiências**

Sistematizar experiências é refletir de forma crítica sobre o trabalho, entendendo o que se faz e tornando-o conhecido quando publicados e evitando que ele “se perca” se o projeto terminar ou se outras pessoas assumirem as atividades (CHAVEZ-TAFUR, 2007). Assim, com o trabalho escrito, pode-se compartilhar informações e possibilitar que outros aprendam com as lições adquiridas (CHAVEZ-TAFUR, 2007).

Para a sistematização precisa-se de uma metodologia que facilite a descrição e a reflexão da experiência, que seja participativa e que possibilite a documentação dos aprendizados e dificuldades (SELENER et al., 1996). A sistematização é uma reconstrução participativa e uma reflexão analítica da experiência vivida pessoalmente e coletivamente (MORGAN e FRANCKE, 1988). Para Holliday (2006), sistematizar é entender os processos vividos e aprender com suas lições, procurando entender porque teve tal comportamento.

No início da sistematização colhem-se todas as informações possíveis: documentos, relatórios, relatorias, comentários, fotos, vídeos, tudo que for possível encontrar. Assim pode-se fazer um relato do que ocorreu e incorporar uma análise crítica, por meio de opiniões e questionamentos dos envolvidos e das envolvidas, produzindo uma aprendizagem (CHAVEZ-TAFUR, 2007). Este autor diz que o processo de sistematização tem quatro objetivos principais:

- colher e organizar todas as informações possíveis;
- analisar as informações para entender o que aconteceu;
- produzir um conhecimento a partir das conclusões; e
- publicar os resultados da forma desejada.

Todas as informações disponíveis podem ser organizadas em tabelas ou quadros e a partir destes produzir um documento final. Este documento pode ser impresso para ser distribuído ou publicado de forma eletrônica. O importante é chegar ao público. Para isso

pode-se apresentá-lo em forma de livro, artigo, ensaio, vídeo, cartilha e/ou documentário. Chavez-Tafur (2007) argumenta que a primeira decisão a ser tomada deve ser como apresentar a sistematização, mesmo que depois possa mudar.

Esta metodologia pode ser aplicada a projetos de curta, media ou longa duração, simples ou complexos, ficando a cargo do(a) sistematizador(a) o cruzamento das informações e a disponibilização de forma clara, objetiva e criativa.

Os princípios propostos por Selener et al. (1996) são base para que em qualquer contexto a sistematização possa ser realizada:

1º - Maior quantidade possível de opiniões: muitas opiniões são melhores do que poucas, mas é preciso tomar cuidado para não ser excesso e o processo ficar disperso;

2º - Processo participativo: uma pessoa ou equipe pode ser responsável pela sistematização e esta ou estas devem se atentar para envolver os(as) atingidos(as) pela experiência, tornando-o realmente participativo;

3º - Contexto da experiência: ter atenção para o contexto da experiência. Algumas perguntas podem ajudar, como: “Quando começou a experiência?”, “Quanto tempo está durando?”, “Onde se realiza?”, “Qual é seu alcance territorial?” e ainda muitas outras que precisam ser definidas participativamente;

4º Considerar as informações relevantes: tomar cuidado para não ter muita informação e elas não conversarem entre si, por isso é preciso delinear atentamente as metodologias que serão usadas para cada coleta de dados.

As condições necessárias para sistematizar são apontadas por Chavez-Tafur (2007):

A – É necessário apoio institucional, ou seja, a organização/experiência precisa querer que a sistematização seja feita. Todas as pessoas envolvidas na experiência tem a liberdade de participar ou não do processo;

B – É necessário que os e as participantes dediquem algum tempo para participar de forma efetiva;

C – É necessário, por parte de todos(as) envolvidos(as) manter uma atitude aberta, tanto na colheita dos dados como no processamento e interpretação, corrigindo coletivamente entendimentos errôneos.

A premissa principal para a realização da sistematização é que todos(as) envolvidos(as) estejam motivados(as) para integra-la, entendendo e assumindo o objetivo principal que é a produção de conhecimento (CHAVEZ-TAFUR, 2007).

A Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) vêm fazendo grandes esforços para que os Núcleos de Agroecologia do todo Brasil sistematizem suas experiências, porque entende que sistematizando estamos caminhando para uma construção coletiva do conhecimento agroecológico (PETERSEN, 2007; FREIRE, 2006).

## **2.4 Extensão universitária**

Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária "A Extensão Universitária é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade" (FORPROEX, 1987, p. 11). A partir do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, realizado em 2012, estes Pró-Reitores formularam um documento apresentando cinco diretrizes básicas para que a extensão praticada se balize. São elas: 1) Interação Dialógica: relação da universidade com a sociedade e vice-versa, envolvendo atores não universitários de forma democrática e efetiva. 2) Interdisciplinaridade e interprofissionalidade: combinar especialização considerando a complexidade inerente às comunidades, interagir modelos, conceitos e metodologias de várias áreas do conhecimento. 3) Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão: vincular formação de pessoas e geração de conhecimento com as ações de extensão; colocar o estudante como protagonista de sua formação técnica e cidadã; o eixo "estudante-professor" é substituído por "estudante-professor-comunidade"; produção acadêmica a partir das atividades de extensão. 4) Impacto na formação do estudante: viabilização da integralização de créditos logrados nas ações de extensão; haver um projeto pedagógico com professor orientador, objetivos, competências e avaliação. 5) Impacto e transformação social: deve ser voltada para os interesses e necessidades da população, deve proporcionar desenvolvimento de políticas públicas; a universidade pública também faz parte da sociedade, por isso ela também deve sofrer impacto.

Segundo Coelho (2014), a universidade vê a relação com a sociedade como um problema a ser resolvido. Esta autora argumenta que é necessário mais do que boa vontade para estabelecer laços, é preciso reflexão de natureza conceitual e teórica e tomar cuidado para que os problemas estudados não sejam interessantes apenas para extensionistas e técnicos.

A etapa inicial de assistência deve ser temporária e ter uma estratégia para não criar dependência, do contrário poderá gerar frustração. A universidade deve assumir um papel de

apoio e não tomar a direção dos processos e pessoas. Qualquer proposta de mudança baseada em argumentos de um agente externo não se sustenta, porque tais argumentos podem não ser realmente compreendidos pelo(a) agricultor(a), independente se naquele momento ele(a) concordou com tais argumentos (FREIRE, 2013). Depois que o(a) extensionista vai embora quem decide o que fazer é quem ficou. Por isso é necessário se perguntar: como posso ter certeza que meus princípios e valores, com os quais oriento minha ação e julgo a dos outros, estejam certos e justos? (COELHO, 2014).

Nesse sentido, no momento da prática extensionista, pode-se interferir nas decisões, quando se parte dos conceitos e consentimentos essenciais de mudanças nas práticas agrícolas para transição agroecológica. Isso não configura “decidir para ele(a)”, o objetivo é sutil, é “decidir com ele(a)”. Sabendo que os(as) técnicos(as) também podem errar, é também assumir as consequências dos erros “com ele(a)”. Por isso, a postura: “a decisão é sua” não ajuda no processo de transição, pois com essa fala, o(a) produtor(a) se sente sozinho(a). É preciso proporcionar um ambiente amigável e horizontal para que existam diálogos e não monólogos. “A decisão é nossa” e “não vou te abandonar”. A lógica de um, não pode ser soberana a lógica do outro (FREIRE, 2013).

Para a construção se realizar precisa haver encontro “entre diferentes e, ou, desiguais” (COELHO, 2014, p. 178). Esse é o primeiro passo. Precisa haver também a aceitação de que o(a) outro(a) têm/possui/carrega conhecimentos. Na extensão universitária isso é considerado a interprofissionalidade. Extensão universitária não é só levar, nem só trocar, é construir um terceiro saber “dotado de sentido intersubjetivamente compartilhado” (COELHO, 2014, p. 179). O compromisso com as transformações exige livre argumentação que permite a fusão de horizontes para que se crie esse terceiro saber, sendo que este não pertence a nenhum dos dois, esse saber criado supera os dois (COELHO, 2014).

Constrói-se então formas de educar. Coelho (2014), corroborando com Freire (2013) diz que cabe ao(à) extensionista o papel de comunicação e não de extensão. “A extensão tem o sentido gnosiológico de estender ao(à) outro(à) seus conhecimentos e suas técnicas, entregá-las, depositá-las, prescrevê-las” (FREIRE, 2013, p. 23). Pela etimologia da palavra extensão, entende-se que, quem estende, estende alguma coisa a ou até alguém. Aquele(a) que recebe é passivo(a) e aquele(a) que estende é ativo(a). Além disso, este ser passivo(a) fica funcionando como um depósito de informações, que acabam sendo soltas e desconexas. Configura-se então um cenário de invasão cultural, onde Paulo Freire diz que é uma antialogicidade, ou seja, o contrário de uma construção de diálogo (FREIRE, 2013).

Para que atores da sociedade participem efetivamente na criação de espaços comunicativos e interativos é necessário que se instalem condições para uma reflexão sadia, sincera e criativa. Precisa-se enxergar holisticamente e “com largueza” (GEERTZ, 2014).

Só a presença do ou da extensionista já causa impacto, se isso for desconsiderado, pode ser desastroso para a interação. Por isso reafirma-se no que já foi dito, precisa-se buscar fundamentação conceitual para atuar na extensão universitária (COELHO, 2014).

### **3 Metodologia**

#### **3.1 Local de estudo**

A Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM) está localizada na Comunidade Ponte Alta, área rural de Lavras – MG. Nela, homens em situação de dependência química ou incapazes de se sustentar são auxiliados por meio de abrigo e tratamento através da laborterapia (terapia pelo trabalho), eles permanecem na casa um período de nove meses, considerado “um renascimento”.

Sua sede é um sítio que possibilita diversas atividades laborais ao ar livre e em meio à natureza. Estas atividades são usadas como tratamento para os acolhidos (assim chamados os homens que procuram espontaneamente o tratamento oferecido pela casa). Esta iniciativa surgiu em 2006, quando os idealizadores começaram a ajudar pessoas em exclusão social. Na época sentiam falta de colocar em prática o que estudavam e dialogavam nos encontros de jovens dentro da igreja católica. Em 2013 ganharam um terreno na Ponte Alta, comunidade rural de Lavras, onde hoje é a sede da CTEM.

A Casa, assim chamada por quem mora e trabalha na CTEM, abriga homens, jovens e idosos. Possui um Diretor Geral responsável pela coordenação geral e financeira, além de quatro Conselheiros Terapêuticos que recebem um salário mensal e são responsáveis por: obras, externo (doações), espiritualidade e coordenação interna (abrange a horta e demais trabalhos do sítio). Além disso, conta com o trabalho dos monitores internos, que foram acolhidos, passaram pelo tratamento e agora ajudam na recuperação dos outros. Seu papel é conversar, motivar a cumprir os horários e também liderar atividades dentro da casa. A horta agroflorestal implantada no local foi uma sugestão de trabalho dentro das possibilidades já apresentadas pela casa.

### **3.2 Metodologia dos Mutirões**

O Grupo de Trabalho (GT) Mutirão é formado por um grupo de estudantes da Universidade Federal de Lavras e atuantes no Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá. Dentro do GT Mutirão podemos identificar a secretaria operativa, que fica responsável por realizar reuniões de estudo e de planejamento, além de visitas para colher tarefas antes do dia do mutirão e de conduzi-lo. Essa secretaria operativa funciona em parceria com o GT Produção da CSA. Antes de cada mutirão estes GT's trocam as informações relevantes para que o mutirão ocorra da melhor forma possível e para que as atividades sejam proveitosas.

### **3.3 Rio do Tempo realizado na CTEM**

Para resgatar de forma coletiva o processo histórico, as dificuldades e os aprendizados adquiridos durante o processo de mutirões, foi conduzida a metodologia do Rio do Tempo. Participaram desse espaço: integrantes do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá e integrantes da Comunidade que Sustenta Agricultura Horta Pro Nobis, por meio do Grupo de Trabalho (GT) Mutirão, GT Produção e GT Educação.

Essa metodologia é um aprendizado adquirido durante o processo de sistematização das experiências em agroecologia organizada pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), que se encontra no Caderno de Metodologias ABA (2017). Nessa metodologia se visualiza a reconstrução coletiva das memórias de uma experiência. Para que ela aconteça é preciso de um espaço amplo em que as pessoas fiquem bem acomodadas e em círculo. Também é muito importante que todos e todas participem, por isso são usadas tarjetas para que cada participante possa escrever de forma sintética aquilo que gostaria de falar. Houve um coordenador do espaço que também pegou as tarjetas quando as pessoas que iriam falar não se levantavam e tentavam colocar no local desejado elas próprias. Houve também dois relatores, que colheram informações relevantes no decorrer do espaço.

Os trabalhos foram realizados da seguinte forma: um pano azul foi disposto para representar um rio que partia de uma cadeira, dando a impressão de uma cachoeira. Ao lado desse pano, ou seja, nas margens do rio, foram organizadas várias fotos de momentos dos mutirões e colocada uma referência de data (mês e ano) ao longo do percurso do rio. Após um passeio pelo espaço e observações do quê e de como estavam dispostas as imagens, os participantes se sentaram em volta do rio. Nesse momento, como método para estimular a

concentração e atenção ao presente e aos trabalhos, foi tocada uma música que remeteu aos elementos colocados no percurso do rio. Foi tomado o cuidado para não poluir a visualização do rio com muitas fotos. Na Figura 3 está representado como ficou o Rio do Tempo ao final da metodologia.

Figura 3: Representação do Rio do Tempo utilizado para sistematização dos mutirões na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal de André Borges.

A partir daí, o espaço foi dividido em três momentos, que aconteceram de forma interconectada. No primeiro momento, foi pedido que os e as participantes escrevessem nas tarjetas os momentos históricos que se lembrassem, falassem sobre eles e também que tentassem identificar em que posição, no Rio do Tempo, poderiam ser inseridos. Quando esse posicionamento histórico era de difícil colocação, o restante dos participantes auxiliava. O segundo momento foi colocar, também em tarjetas, as dificuldades enfrentadas e os aprendizados adquiridos durante o processo dos mutirões, incluindo as etapas que antecediam esses mutirões. No terceiro momento, foi feita a pergunta: “Pra onde esse rio vai?”, para que os participantes escrevessem nas tarjetas o que remetiam a suas mentes. Esses momentos metodológicos se misturaram, pois vários momentos históricos remetiam a aprendizados e também apontavam ações futuras. Foi necessário que, entre um momento e outro, ocorresse um tempo para que as pessoas pudessem colocar no papel suas impressões.

Ao final do espaço havia sido construído um Rio do Tempo com nascente, cachoeira, momentos de turbulência e muitos aprendizados.

### 3.4 Teoria da sistematização

No dia 16 de abril de 2019, logo após o mutirão do dia 14 de abril do mesmo ano na CTEM, os registros e a sistematização feitos do Rio do Tempo foram discutidos na reunião do GT Mutirão. Nessa conversa, feita com os integrantes do GT, surgiram novas interpretações e entendimentos do que estava sendo proposto até o momento. Para organizar e refletir sobre a experiência foi usada uma associação das metodologias de Chavez-Tafur (2007) e Holliday (2006). Chavez-Tafur (2007) divide o processo de sistematização em 5 etapas: 1) Definição do ponto de partida; 2) Delimitação; 3) Descrição da Experiência; 4) Análise; 5) Apresentação dos resultados. E Holliday (2006) também divide a sistematização em 5 etapas: A) O ponto de partida; B) As perguntas iniciais; C) Recuperação do processo vivido; D) Reflexão de fundo; E) Os pontos de chegada. Nas duas formas de sistematização há semelhanças e o presente trabalho buscou articular e colher desses ensinamentos para cumprir os objetivos. Portanto o primeiro passo foi definir o projeto ou experiência vivenciada. Foi definida a experiência dos mutirões realizados pelo Yebá na CTEM e nesse ponto de partida foi resgatada as informações já em mãos, delineadas quais informações seriam necessárias buscar e refletiu-se sobre para quê e para quem este trabalho estava sendo realizado. Este início é fundamental para entender a relevância e responsabilidade envolvida no desenvolvimento de um trabalho de sistematização.

Após a definição do ponto de partida e através, principalmente, da metodologia do Chavez-Taufur (2007) foram desenvolvidos dois quadros, representando as etapas de: 2) Delimitação; 3) Descrição da experiência; e 4) Análise. O quadro referente à etapa 2 encontra-se no apêndice A deste documento e o quadro sobre as etapas 3 e 4 no tópico de Resultados e Discussão (Quadro 1). Nestes quadros estão colocadas as informações bastante simplificadas e resumidas para servir de guia e direção da escrita do texto aqui apresentado.

O quadro do apêndice A contém a delimitação da experiência escolhida, contendo título, localização, participantes, data, duração, estratégia, componentes, objetivos, contexto, problemática, antecedentes. O quadro a traz a descrição da experiência, contendo ações e atividades e uma análise em torno das dificuldades e dos aprendizados.

A fim de ter maiores informações a cerca de datas e acontecimentos que não foi possível determinar no momento do Rio do Tempo, foram consultados site, facebook e instagram da CSA-HPN. Além disso, foram conduzidas conversas informais com membros da associação para captar o que estes se lembravam do processo. As próprias fotos também foram um meio importante para resgatar as datas dos mutirões. Foram resgatadas também as

relatorias de duas reuniões e de um mutirão, para lembrar o processo organizativo na época (apêndice B).

O quinto e último passo foi a Apresentação dos Resultados. Segundo Chavez-Tafur (2007), podemos organizar estas informações em forma de texto, vídeo, cartilhas, fotografias, desenhos, etc. A forma escolhida foi por texto, através desse Trabalho de Conclusão de Curso. Um ponto importante que este mesmo autor traz é que a conclusão deste trabalho será a apresentação das lições adquiridas e as recomendações para quem vier a fazer um trabalho similar. Com este tipo de sistematização o avanço coletivo na construção do conhecimento agroecológico pode ser fortalecido.

### **3.5 Entrevista com CTEM**

Para entender melhor o contexto da CTEM foi feita uma entrevista semi-estruturada com pessoas de referência dentro da casa: um ex-coordenador interno, o atual coordenador interno, o responsável pelas doações e relações externas da casa; também foram entrevistados o monitor responsável pelo controle dos medicamentos e com o ex-monitor da horta que hoje trabalha na cidade de Lavras. O questionário foi aplicado com uma pessoa de cada vez (apêndice C).

A conversa se deu da seguinte forma: os temas a serem abordados foram sendo questionados e debatidos livremente com os entrevistados. Durante este bate-papo novos temas iam sendo introduzidos na medida em que a conversa caminhava (POPE; MAYS, 2009). Ao final realizou-se a dinâmica do “que bom, que pena, que tal”, que consiste em dizer o que vier a mente colocando no início da resposta as palavras: que bom... ; que pena... ; que tal... . Esta metodologia é interessante principalmente no “que tal”, pois frequentemente aparece aí uma crítica que não é feita abertamente (CADERNO, 2017). Essa dinâmica favorece a expressão de uma avaliação do processo como um todo. O entrevistado se sente desinibido a falar sobre o que foi bom, o que não foi e como pode-se melhorar.

A conversa foi gravada e posteriormente analisada ouvindo e relatando em um papel os principais pontos a serem observados.

## **4 Resultados e Discussão**

A partir da metodologia de sistematização utilizada foram identificados os eixos de

ação para sistematizar e, dentro de cada um as atividades, as dificuldades e os aprendizados colhidos, conforme a sistematização apresentada no quadro 1.

Quadro 1: Descrição e análise da experiência dos mutirões na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM) – Siglas: RAES (Rede Agroecológica e Economia Solidária); CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura); SIG (Sistema Integrado de Gestão); UFLA (Universidade Federal de Lavras); GT (Grupo de Trabalho); GD (Grupo de Discussão); SAF's (Sistemas Agroflorestais)

Ações	Atividades	Dificuldades	Aprendizados
Construção de parcerias e Mobilização de pessoas	Cursos	Fazer a devolução da contribuição do RAES	Ampliação da CSA; Vídeo de divulgação do primeiro mutirão; Entusiasmo e Organização.
	Eventos	Registrar os eventos dos mutirões no SIG	Registro do projeto de extensão Mutirão Yebá na UFLA; Placas de Yebá e CSA na horta.
	Parceria com novos produtores	Produção de mudas orgânicas	Ser um apoiador(a) do agricultor(a)
Formação em Agroecologia	Mutirões	Comunicação entre extensionista e acolhido; Compreensão dos acolhidos sobre manejo ecológico do solo; Assuntos e palavras delicadas de se dizer na CTEM.	Impacto na horta convencional; “Escola de extensão” na CTEM; Profissionalização da agroecologia praticada.
		Diversificação da produção; Plantios mistos dificultavam a colheita.	Pomar agroflorestal; Profissionalização da agroecologia praticada; GT Mutirão.
		Recursos financeiros	Cooperar mutuamente
	Estudos e Reuniões	Autogestão; Se reunir uma vez por semana; Reuniões com grande duração;	Produção científica; GD sobre SAF's.

Além do Quadro 1, foi formada uma lista dos acontecimentos que reconstruída coletivamente (Tabela 1), resultado da metodologia do Rio do Tempo, da pesquisa virtual, das conversas com membros antigos e a partir das fotos, para dar sustentação aos fatos ocorridos.

Tabela 1: Lista dos acontecimentos da Comunidade que Sustenta Agricultura (CSA) Horta Pro Nobis e dos mutirões realizados pelo Yebá na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM)

Primeiro semestre de 2016 – formação do coletivo Ninho de Guaxo em Lavras
Meio de 2016 – encontro do Ninho de Guaxo com a CTEM.
Agosto de 2016 – Ninho de Guaxo visita a CTEM.
23 a 27 de novembro de 2016 – Imersão de um integrante do Ninho de Guaxo em um curso da CSA Brasil
3 de dezembro de 2016 – primeira ação pública do Ninho de Guaxo falando sobre o Uso Inseguro de Agrotóxico e apresentando a ideia da CSA.
11 de dezembro de 2016 – primeira reunião aberta para construção da CSA.
19 de dezembro de 2016 – segunda reunião aberta para construção da CSA.
28 de janeiro de 2017 – reunião de fundação da CSA.
4 e 5 de março de 2017 – curso de horta agroecológica com Guaraci – Sítio Duas Cachoeiras
11 de março de 2017 – (Bazar) Ninho Cultural.
19 de março de 2017 – 1ª acolhida de novos membros.
5 de abril de 2017 – Primeira entrega de cestas.
1 de julho de 2017 – implantação da horta floresta – mutirão 1
22 de agosto de 2017 – manejo – mutirão 2
20 de outubro de 2017 – 2ª acolhida de novos membros.
21 de outubro de 2017 – manejo/acolhida – mutirão 3
25 de novembro de 2017 – manejo – mutirão 4.
3 de dezembro de 2017 – CSA na praça.
10 de Dezembro de 2017 – manejo – mutirão 5.
15 de março de 2018 – manejo – mutirão 6.
14 de abril de 2018 – manejo – mutirão 7.
19 de maio de 2018 – manejo – mutirão 8.
7 de julho de 2018 – manejo – mutirão 9.
14 de abril de 2019 – manejo, acolhida e Rio do Tempo – mutirão 10.

A partir desta lista (Tabela 1) a experiência foi descrita. Portanto, por meados de 2016, iniciou-se a formação do coletivo Ninho de Guaxo (CNG). Um coletivo formado por um grupo de cinco amigos (estudantes, professores e outros profissionais) que cresceram em Lavras e decidiram se organizar para atuar para transformá-la. Esta cidade, que apesar de

abrigar uma Universidade Federal, é reconhecida por sua cultura conservadora e elitista, cenário que exclui pessoas em situação de vulnerabilidade.

#### 4.1 Construção de Parcerias e Mobilização de Pessoas

Na sistematização desenvolvida esta primeira ação constitui a Construção de Parcerias e Mobilização de Pessoas (Quadro 1). No início do processo de construção da CSA-HPN, este foi o primeiro passo para fortalecê-la.

No primeiro semestre de 2016 um integrante do CNG encontrou com um funcionário da CTEM vendendo hortaliças sem veneno na saída do posto de saúde de Lavras e a partir daí começa a construção dessa parceria. Este coletivo (CNG) preocupado com a conservação do meio ambiente e com uma alimentação saudável e livre de agrotóxicos pensou na ideia da CSA. Uma ideia que tinha sido conhecida por um de seus integrantes em um evento de Agricultura Orgânica realizado em 2014 na cidade de Campinas – SP, onde ele cursava na época o mestrado. Importante falar aqui que o tema de seu mestrado foi “O agricultor familiar e o uso (in)seguro de agrotóxicos no município de Lavras, MG”, trabalho realizado nas comunidades rurais de Lavras (ABREU, 2014). Neste trabalho, o autor obteve uma visão mais abrangente do meio rural de Lavras, no que tange ao uso de agrotóxicos e às possibilidades de trabalhos subsequentes em prol da transição agroecológica no município. Os logos do CNG e da CTEM, primeira parceria firmada para construção da CSA-HPN, estão na Figura 4.

Figura 4: Logos dos parceiros: Ninho de Guaxo (CNG) e Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM).



Fonte: pág. Facebook do CNG e CTEM.

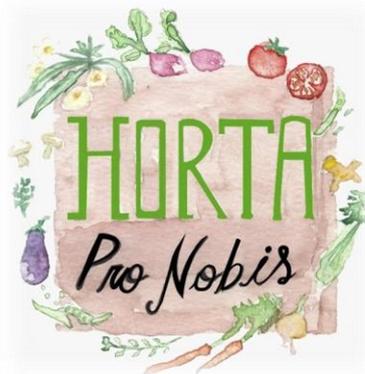
Em agosto de 2016 o CNG visitou a CTEM e, após essa visita, o grupo incorporou novos membros e financiou a ida de um de seus membros para o curso com a CSA Brasil em

Botucatu (novembro de 2016). O curso foi voltado para formação e entendimento da filosofia de CSA's. Nesse momento a CSA de Lavras estava sendo planejada.

A primeira ação pública do Ninho de Guaxo aconteceu no dia 3 de dezembro, Dia Internacional de Luta pela Vida e contra os Agrotóxicos. Nesse dia, o grupo apresentou o trabalho de mestrado com agricultores de Lavras, mostrando o Uso (In)seguro de Agrotóxicos (ABREU, 2014) e apontando uma possibilidade de caminho para esse problema: CSA-HPN.

Nas semanas após este primeiro encontro, nos dias 11 e 19 de Dezembro, houveram as primeiras reuniões para iniciar a construção aberta e coletiva da CSA-HPN (Figura 5). Neste processo foram construídos estatuto, regulamento interno e carta de princípios. Depois destas reuniões, foram realizadas mais algumas outras para organizar detalhes finais destes documentos. Até que no dia 28 de janeiro de 2017 foi feita a assembleia de fundação da CSA Horta Pro Nobis (Figura 6), que ocorreu na CTEM, local onde possui uma boa estrutura física, fundamental para possibilitar este início.

Figura 5: Logo da Comunidade que Sustenta Agricultura Horta Pro Nobis (CSA-HPN).



Fonte: site da CSA (2017).

Figura 6: Foto dos(as) presentes na Assembleia de Fundação da CSA-HPN na CTEM.



Fonte: site da CSA (2017).

Para dar início às ações coletivas, foi realizado um curso com o Agricultor Agroecológico Guaraci Maria Diniz do Sítio Duas Cachoeiras (sítio agroecológico que trabalha com educação e agricultura em Amparo, São Paulo – Figura 7), na CTEM sobre horta agroecológica. Foi arrecadado dinheiro por meio de um Bazar (‘Ninho Cultural’, organizado pelo Ninho de Guaxo e CSA Horta Pro Nobis) e, somando o investimento que cada participante fez pagando uma taxa, pôde-se arcar com as despesas desse curso. O curso foi importante para formação do grupo e planejar coletivamente em como colocar adiante a ideia de orientar a CTEM na diversificação da produção, que na época consistia apenas de folhosas. O curso impulsionou a criação do GT Produção, ficando em sua responsabilidade colocar em prática tudo aquilo construído no curso.

Figura 7: Logo do Sítio Duas Cachoeiras.



Fonte: site do SÍTIO (2018).

No dia 19 de março de 2017 foi realizada a primeira acolhida, organizada pelo GT Educação da CSA-HPN. O processo de acolhida, para CSA-HPN, consiste na explicação para interessados em ser futuros membros sobre os princípios da CSA e de seu funcionamento. No dia 5 de abril do mesmo ano a entrega semanal das cestas começou.

A CTEM, como membro produtor da CSA-HPN, passou a ser fornecedora das cestas. Como já dito, a CTEM tinha uma produção estável e contínua, principalmente, de folhosas. Neste início a diversidade de itens entregues na cesta estava muito limitada e percebeu-se que era necessário realizar uma intervenção (para além do que foi o curso) no sentido de diversificar a cesta.

O GT Produção começou a se reunir e a pensar no que fazer. Dentre os membros do GT Produção havia, e ainda há, membros do Yebá. Estes membros entraram em contato com ex-integrantes do Yebá, que atualmente são integrantes da Rede Agroecológica de Economia Solidária (RAES), para apoio no processo de implementação da horta. Este grupo tinha realizado recentemente um curso de horta agroflorestal com Juã Pereira, Biólogo e Agricultor Agroecológico, e estavam treinados em realizar tal horta agroflorestal por meio de um mutirão em apenas um dia. A RAES possui integrantes na região de Varginha e Três Pontas, no sul de Minas Gerais e hoje está se expandindo para outras cidades.

Estes integrantes da RAES foram convidados pelo GT Produção para realizar o curso/mutirão de implantação da horta agroflorestal, contando com a participação ativa também do Yebá para condução de tarefas no momento do curso. Este primeiro mutirão ocorreu em primeiro de julho de 2017 e recebeu um registro audiovisual, realizado pelo projeto Gangorra: conteúdo audiovisual (COMUNIDADE, 2013).

A parceria entre CSA-HPN e RAES ocorreu por meio de uma troca: a RAES conduziria esse curso-mutirão para implantação de 15 metros de horta agroflorestal e a CSA-

HPN realizaria em Varginha ou Três Pontas um espaço para discussão sobre CSA's, visando estimular a formação de uma CSA na área de atuação da RAES. Esta devolução ainda não aconteceu devido ao excesso de atividades de ambos os lados. Com esta sistematização espera-se contribuir para fazer essa devolutiva. Nesse processo mobilizou-se muita gente com muito entusiasmo que acredita na causa e muitas desses permaneceram e integram o grupo da CSA além de outras pessoas que foram surgindo pelo caminho. Esse alinhamento de ideias inicial e que permanece até hoje como fundamento pessoal e coletivo é a chave para o sucesso do projeto.

Após o mutirão de implantação percebeu-se que precisaria manter os mutirões, pois muitas das técnicas necessárias para sua manutenção não eram conhecidas pelos acolhidos da CTEM.

Em 2017 realizou-se até o fim do ano, além da implantação, quatro mutirões. Neste período o Yebá construiu uma relação mais profunda com os acolhidos. Percebeu-se que havia uma aceitação muito grande do projeto por parte deles e também da coordenação da CTEM, que percebia bons resultados em seus tratamentos. Segundo a coordenação “a presença constante, a alegria que o Yebá trazia e o modo de vida de seus integrantes eram algo que chamava atenção dos acolhidos de forma positiva”.

A quarta diretriz da PNEU é o impacto na formação do estudante e essa diretriz perpassa pela ressignificação da extensão para o e a estudante universitário(a) valorizando esta prática. Após dois anos de trabalho na CTEM enxerga-se que ela é como uma “escola de extensão”. Os aprendizados estão em praticar: plantio, preparo de canteiros, manuseio de ferramentas, trabalho coletivo, planejamento e divisão de trabalhos. Numa perspectiva técnica, além da prática, podem-se absorver conceitos teóricos quando, a partir da práxis, transforma-se informação de técnicas agroecológicas em conhecimento apreendido, como diz Paulo Freire (2013). Dentro de aspectos éticos, se lida com pessoas em vulnerabilidade social, por isso, foi sempre necessário atenção em transformar aquele momento no mais prazeroso possível, sem gerar atritos. Criar “momentos bons”, de trocas positivas, para animar e motivar os acolhidos. Isso foi muito bem visto pelos coordenadores da CTEM, como já mencionado.

Também na entrevista feita com a coordenação da CTEM, foi afirmado que os acolhidos estavam comendo da horta, o que é importante simbolicamente, já que a horta agroflorestal não usa de agrotóxicos ou “química” como disseram, simbolizando a droga também considerada como uma “química” pelos acolhidos. “Se é possível produzir sem “química” também é possível viver sem a dependência das drogas”, disseram, além disso, que

os acolhidos preferem trabalhar na horta agroflorestal à horta convencional, devido à sombra e ao ambiente mais confortável de trabalho. Eles relataram que, de forma geral, os acolhidos da casa estranharam as árvores no meio da horta, mas foram se acostumando e o local passou a ser visitado pelas famílias que iam ver seus parentes que estavam ali em recuperação.

Outro ganho importante dessa época é que a CTEM passou a fazer feira. Antes ela fornecia os produtos para restaurantes e para um atravessador, mas com a diversificação da produção, eles migraram para a feira realizada em Lavras. Os monitores da casa levam os produtos para serem vendidos. Isso foi visto positivamente, pois o retorno econômico foi maior, e segundo a entrevista com um dos coordenadores da casa, estar na feira divulgou a casa positivamente.

Muitas mudanças ocorreram do meio do ano de 2016 para o final de 2017. No Rio do Tempo isso foi percebido pela palavra “correria”, descrita por um dos participantes da metodologia. Isso mostra a intensidade de trabalho dessa época.

Com relação ao aspecto da extensão universitária, nessa época percebe-se uma interação dialógica, pois os diálogos e aproximação entre estes diversos sujeitos/parceiros estava em ascensão. Os mutirões são uma ferramenta metodológica que possibilita esta interação, pois é um momento em que todos são iguais perante o trabalho e constrói-se uma horizontalidade quando, por exemplo, estudantes extensionistas e acolhidos reviram um canteiro ou espalham a palha juntos, ou seja, fazem os trabalhos manuais sem distinções sociais.

Para a sequência do trabalho era preciso estudar o conceito de horta agroflorestal, pois não era simples de entendimento. Por isso, o Yebá criou um Grupo de Discussão para estudo de Sistemas Agroflorestais, foi chamado de GD SAF. Esse grupo construiu um cronograma de estudos no final de 2017 e, no início de 2018, passou a se reunir uma vez por semana. O objetivo era o alinhamento das ideias para auxiliar no manejo da horta agroflorestal. Paralelamente a isso, estabeleceu-se e consolidou-se o GT Mutirão dentro da estrutura da CSA-HPN. Entende-se que o GT Mutirão é um braço do GT Produção e, por isso, suas ações são potencializadoras umas das outras. A responsabilidade do GT Mutirão é planejar, coordenar e realizar os mutirões de manejo na horta agroflorestal implantada na CTEM. Pode-se identificar, como descrito anteriormente, o impacto na formação do estudante e o impacto na universidade, conforme preconizado nas diretrizes da PNEU. Para o grupo do Yebá foi extremamente relevante ter esta formação prática que não seria adquirida nas salas de aulas. No início de 2018 consolidou-se esta identidade, passando a ser um projeto que o Yebá

desenvolvia em parceria com a CSA-HPN e a CTEM. Estas duas iniciativas foram caminhando juntas, até porque uma auxiliava a outra nos trabalhos. Na figura 8, o logo do Yebá.

Figura 8: Logo do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá.



Fonte: acervo do Yebá.

Houve dificuldade em registrar os momentos de trabalho, fato importante para mostrar a produtividade acadêmica do Yebá para a universidade. Surgiu a ideia, então, de fazer o Projeto de Extensão “Mutirão”. Este foi registrado no início de 2018 e reformulado no início de 2019, tornando-o mais abrangente e participativo. Hoje este projeto, escrito por estudantes integrantes do Yebá está próximo de completar dois anos. Há professor orientador e três bolsas de extensão. Assim pode-se cumprir com a prerrogativa que a universidade impõe de produção científica. Este processo de registro do projeto e recebimento de bolsas é uma das formas de superar a dificuldade em relação ao aspecto financeiro do projeto.

Outra fonte, que sempre apoiou é a própria CSA-HPN, que por meio de uma taxa que seus membros(as) pagam tem um fundo e dentro deste foi direcionado um valor de 50 reais por mês para arcar com gastos como ferramentas, combustível e alimentação para realização dos mutirões. Além disso, sempre houve ajuda dos parceiros com veículos e que não se importavam em usar seu próprio combustível e da CTEM que sempre recebia com café e com almoço nos sábados.

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas, houve em relação ao entendimento dos acolhidos sobre quem são as pessoas envolvidas com o projeto para auxiliar no manejo. Como existem outros grupos da UFLA que desenvolvem trabalhos na CTEM, às vezes os acolhidos confundem quem trabalha na horta agroflorestal junto com eles. Por isso, em meados de 2018, um ano após o início dos mutirões, colocou-se uma placa do Yebá e da CSA-HPN na área (Figura 9). Apesar da atitude de colocar placas ser uma marca da gestão clientelista no Brasil, esta atitude foi relevante para o registro do momento e para diferenciar o trabalho feito pela

agroecologia dos outros. Enquanto o trabalho com a horta agroflorestal preza pela atividade da agricultura orgânica, os outros grupos não se preocupam com isso. Desta forma, esta identificação foi importante para ressaltar a agricultura sem ‘química’, que como dito anteriormente é importante para que o acolhido em recuperação perceba que ele pode superar a dependência química.

Figura 9: Placas do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá e da CSA Horta Pro Nobis fixadas na horta agroflorestal da Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia.



Fonte: arquivo pessoal de Gil Pedro Lara.

Ainda nessa questão da produção orgânica, procurou-se uma parceria com um produtor de mudas orgânicas. A Bocaina Florestal é produtora orgânica de mudas de árvores e a ideia de produzir mudas de hortaliças foi uma possibilidade de integração à CSA-HPN, que já havia usado suas mudas de arbóreas e frutíferas na implantação da horta agroflorestal e nos replantios que foram necessários ao logo do tempo. Como a diferença em produzir mudas de árvores e produzir mudas de hortaliças é muito grande, não houve sucesso nessa parceria. Com mudas de uma aparência pior do que as convencionais, a CTEM não se adaptou. A parceria foi se extinguindo. Este é um grande entrave na produção de orgânicos. A produção de mudas orgânicas não é algo simples de se fazer e demanda a compreensão de um período de adaptação e melhorias. Com essa experiência aprende-se que não se deve exigir além do que o produtor desenvolve e ter atenção, como facilitadores e apoiadores do processo, à realidade que cada produtor traz, ou seja, suas potencialidades e suas dificuldades.

Por fim, uma grande dificuldade e prejuízo obtido foi devido ao período entre julho de 2018 e abril de 2019 onde não houveram mutirões. Isso ocorreu devido aos outros trabalhos que o Yebá realiza, que exigiram muito do grupo e ocupou o tempo de seus membros. Os monitores e coordenadores da CTEM não participaram do Rio do Tempo, mesmo com o convite feito individualmente a cada um deles e reforçado a importância de suas

participações. A relação se encontrava abalada, justamente pelo fato da falta de mutirões. Isso foi muito negativo para a relação de parceria, pois os dois lados perderam.

#### **4.2 Formação em Agroecologia**

Uma segunda linha de ação sistematizada no quadro 1 foi a Formação em Agroecologia. Consideram-se aqui os aspectos Práticos e Teóricos/Científicos, mas com a convicção que a primeira linha de ação (Construção de Parcerias e Mobilização de Pessoas) está também dentro do entendimento de Agroecologia na dimensão de movimento/política (ALTIERI, 2012). Dentro dessa formação foram agrupadas duas atividades: Mutirões e Estudos/Reuniões.

Os mutirões e estudos/reuniões se deram de forma a capacitar o estudante extensionista do Yebá e pessoas de outros grupos que participavam dos mutirões. Percebe-se que os mutirões são um momento muito atrativo e muito prazeroso de trabalho com a terra, por isso, sempre houve participação de muitas pessoas de outros grupos, como por exemplo, os Engenheiros Sem Fronteiras – Núcleo Lavras e outros membros da CSA-HPN.

Aqui se encaixa a segunda diretriz da PNEU que é a Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade. Essa diretriz trata dos aspectos de intersecção de áreas do conhecimento e de setores profissionais (PNEU, 2012). Como nossa sociedade tem a tendência de especificar e dividir para tentar entender o mundo, neste trabalho faz-se o movimento contrário. Para entender como pode ser impactante observa-se o contexto de forma mais holística. Dentre os aprendizados, desenvolveram-se tecnologias de planejamento participativo, quando se reunia para definir tantos detalhes para realização dos mutirões, várias pessoas de áreas como agrárias, humanas, saúde, educação e comunicação foram envolvidas. Sendo que Agronomia, Engenharia Florestal e Biologia estavam presentes no planejamento dos mutirões trazendo diferentes olhares: um mais para os plantios de hortaliças e frutíferas; outro para um aspecto agroflorestal; e outro para o aspecto ecológico. Participando apenas dos mutirões houve pessoas dos cursos de Agronomia, Engenharia Florestal e Biologia com dito acima, bem como de Engenharia Civil, Engenharia Ambiental e Sanitária, Nutrição, Química, Letras, Administração, Arquitetura, Psicologia e Geografia. Ainda nos aspectos positivos, envolveram-se atores de várias esferas sociais: Universidade, Yebá, CTEM, CSA, Cidade e Agricultores. Essa troca é importante para que o horizonte de cada pessoa, extensionista ou não, se amplie.

No processo de mutirões superou-se desafios. O primeiro e mais elementar deles era a comunicação entre extensionista e acolhido. Deparou-se com a dificuldade de compreensão deles sobre o manejo ecológico do solo. Sempre havia a necessidade de investir muita energia levando palha e material para cobrir os canteiros. Para isso usou-se palha das roçadas de grama e folhas das árvores da UFLA, conversando com as pessoas responsáveis da Universidade sobre esta ação. Esta palhada é usada pelo setor de compostagem no G-óleo, por isso também ocorreu o contato para pegar o composto produzido, o que foi muito útil e mais efetivo do que apenas a palha, pois inicialmente os acolhidos não se adaptaram ao uso desta. Apesar disso, no período, como já dito, em que eram realizados muitos mutirões, cerca de um por mês, foi percebido a incorporação desta técnica pelos acolhidos. Eles adaptaram a palha usando restos de cebolinha e salsinha “passadas” (figura 10). Outra técnica apreendida foi uma maior diversificação. A produção que antes se limitava apenas a “alfaces”, estava com jiló, berinjela, quiabo, pimentas e abóboras. Em uma das conversas com os acolhidos perguntou-se o que eles tinham ensinado aos extensionistas e o que eles tinham aprendido com os extensionistas. As respostas foram que eles tinham ensinado a proteger o solo com os restos de cebolinha e salsinha e que eles tinham aprendido a desbrotar a couve e o jiló.

Figura 10: Cebolinha passada cobrindo o solo do canteiro da horta agroflorestal na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia.



Fonte: arquivo pessoal de Gil Pedro Lara.

Ainda no tema da comunicação, sempre houve a necessidade de atenção ao que era conversado durante o mutirão. Falas corriqueiras como: “Vamos beber uma cerveja depois do

mutirão?"; "Ontem fui a tal lugar e bebemos umas cervejas." Esse cuidado foi necessário porque, apesar de parecer óbvio, isso não deve ser falado dentro de uma Comunidade Terapêutica que trata de dependentes químicos. Durante um dia inteiro de trabalho e conversando sobre diversos assuntos, frases como essas acabavam sendo ditas. Essa foi uma dificuldade enfrentada e uma falha com relação à diretriz da PNEU, que fala sobre a interação dialógica. Nesse sentido aprende-se muito sobre profissionalismo e novamente se enxerga a CTEM como uma "escola de extensão". Na agroecologia tem-se o desafio não só produtivo, mas também de se adaptar ao contexto social inserido e atuar nele da melhor forma possível (CAPORAL, 2011).

Essa imagem da CTEM como "escola de extensão" trouxe aprendizados e uma relação com a terceira diretriz da PNEU, que é a Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão. Garantida pelo Planejamento Pedagógico Institucional (PPI) da UFLA em que "a UFLA mantém seu compromisso institucional com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão...". O primeiro passo para que a universidade consiga estabelecer a verdadeira indissociabilidade é tornar critério de avaliação e pontuação que o projeto tenha os três princípios contemplados. Outro procedimento é equiparar o valor das bolsas estudantis e a carga horária de trabalho, que é de 300 reais e 12 horas para projetos de extensão e de até 400 reais e 20 horas para os projetos de pesquisa. Apesar destes desafios a extensão ainda sobrevive com as iniciativas de grupos como o Yebá e outros dentro da universidade. Estes desafios são mola propulsora para o desenvolvimento do estudante como protagonista de sua formação técnica e cidadã, gerando autonomia e conseqüentemente elevando a autoestima destes futuros extensionistas.

Dentre as perspectivas apresentadas no PNEU para a Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, constrói-se uma relação vinculando os três eixos, formando pessoas e gerando conhecimento com atividades extensionistas, caminho natural para estudantes de graduação e pós-graduação que acreditam na agroecologia. É um trabalho longo, de envolvimento social e acadêmico. Os trabalhos atuais são de pesquisa-ação e este trabalho de conclusão de curso é exemplo disso, aliando responsabilidade com a sociedade e produção científica. Isto é fundamental para a formação do estudante. Na perspectiva entre extensão e ensino, houve momentos de trocas de saberes durante as práticas. A metodologia usada foi reunir o grupo, debater sobre o tema e tomar as decisões de forma coletiva. Por exemplo, no manejo das frutíferas, aquele momento de discussão sobre poda de formação, condução e

produção trazia detalhes de formas de controle orgânico de pragas e doenças e as épocas para cada intervenção e manejo.

No aspecto produtivo, havia no início dos trabalhos o objetivo de diversificar a produção, o que não era esperado é que o excesso de diversificação poderia dificultar todas as etapas até a colheita. Deparou-se com vários produtos “passando” em meio aquele emaranhado de plantas. Por isso, a estratégia tomada foi fazer partes de cada canteiro com uma das culturas selecionadas ou às vezes duas culturas selecionadas, mas não mais com a complexidade do início. Na figura 11 está um esquema que mostra a horta agroflorestal. São dois tipos de canteiros, um de arbóreas (árvores de serviço e frutíferas) e um de hortaliças. O esquema é ter entre cada duas linhas de arbóreas, três canteiros de hortaliças, com largura de canteiro podendo variar de 0,8 até 1,2 m e entre canteiros, 0,4m. Nos canteiros de hortaliças é recomendável muita diversidade para confundir pragas e aproveitar melhor o espaço (ALTIERI, 2012). Além disso, o espaço no próprio canteiro de arbóreas pode ser preenchido com hortaliças.

Figura 11: Esquema dos canteiros da horta agroflorestal.



Fonte: arquivo pessoal de Rubens Scatolino.

Portanto, ao final de dois anos de trabalho formou-se um pomar agroflorestal, as arbóreas e frutíferas cresceram muito rapidamente por estarem recebendo água e nutrientes constantemente vindos do manejo da horta. Para mostrar o antes e o depois desta intervenção tem-se na Figura 12 o local sendo preparado para o plantio em primeiro de julho de 2017 e na Figura 13 a horta agroflorestal bem estruturada e vigorosa em junho de 2019.

Figura 12: Local de implantação da horta agroflorestal na CTEM em primeiro de julho de 2017.



Fonte: arquivo pessoal de Raul Assunção.

Figura 13: Horta agroflorestal após dois anos de manejo na CTEM, junho de 2019.



Fonte: arquivo pessoal de Gil Pedro Lara.

## 5 Considerações Finais

Como considerações finais pode-se levantar diversos aspectos relevantes sobre: “para onde esse Rio do Tempo vai?”. Considera-se que houve uma presença positiva na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM) quando a frequência de mutirões foi grande. Em 2017, entre julho e dezembro foram realizados cinco mutirões e em 2018, entre janeiro e julho foi realizado mais quatro. Isso mostra uma intensidade muito grande de presença e investimento de energia. Nesse período foi construída uma relação bastante próxima com os acolhidos que estavam trabalhando na horta. Já nesse momento pôde-se perceber que, como o tempo de permanência deles na casa para tratamento é reduzido, cerca de nove meses, fica muito difícil desenvolver melhor a horta. Quando o acolhido já estava se acostumando com a presença e forma de trabalhar do grupo, ele já tinha realizado seu tratamento e estava saindo.

Apesar disso, nesse período, os ganhos foram significativos para produção da horta e seu manejo.

Depois desse período, o grupo do Núcleo de Estudo em Agroecologia Yebá (Yebá), ocupado com outras demandas precisou se afastar, realizando dois mutirões, um em julho de 2018 e outro em abril de 2019.

No início de 2019, a CTEM deixou de fornecer os produtos à cesta da CSA para que um agricultor familiar de Lavras pudesse ocupar esta posição. Após conversa com CTEM entendeu-se que os valores financeiros gerados pela CSA-HPN ao produtor seriam mais relevantes pela realidade de tal agricultor. Esta mudança foi acordada entre ambas as partes.

Nesses caminhos futuros, considera-se que o equilíbrio entre o tempo da universidade e o tempo da sociedade, além do planejamento a partir dessa limitação são fundamentais. No trabalho de Ribeiro et al (2006), isto é apontado: precisa-se atentar ao ritmo de cada instituição parceira, a universidade tem certa lentidão para elaborar produtos, seja pesquisa ou atividades práticas. Não se pode ficar sem um planejamento sério no que é tão valioso. E também, deve-se cuidar para que não se crie dependências e conseqüentemente frustrações quando há descontinuidade do trabalho proposto (COELHO, 2014).

Os interesses e necessidades da população precisam ser pensados na ampliação da CSA, visto que é uma iniciativa que atinge poucas pessoas até o momento. Apesar da contribuição dos membros(as) da CSA-HPN estar entre as menores das CSA's do Brasil, ou seja, o valor que pagamos mensalmente é um dos menores dentre as CSA's brasileiras (ORTEGA, 2018), ainda assim não é viável para muitas pessoas. Além disso, como as bolhas sociais excluem pessoas, estas não se aproximam por não se sentirem parte daquele mundo, mesmo quando têm ideais semelhantes ao que este movimento propõe. Por isso, foi discutido a partir do Rio do Tempo, que a CSA-HPN poderia ser uma incubadora de novas CSA's em Lavras e região, estimulando que, por exemplo, as associações de bairro façam sua própria CSA. Isto pode se tornar uma política pública municipal. Esta parceria pode ser algo a ser pensado a médio e longo prazo, pois é notável o aumento do interesse e a procura por alimentos sem agrotóxicos (GERTLER, 2019).

Mais propostas ainda saíram a partir da dinâmica do Rio do Tempo, como transformar a horta agroflorestal em um pomar agroflorestal, ter aulas práticas com disciplinas afins de cursos da Universidade Federal de Lavras (UFLA), ter uma troca possibilitando eventos, dias de campo e cursos para os acolhidos e os estudantes. Para isso é necessário e será feita uma devolução dos resultados envolvendo Yebá e CTEM e Yebá e CSA-HPN.

Para caminhos de fortalecimento da parceria é de suma importância discutir a questão interna da própria CSA-HPN, pois a partir do Rio do Tempo se verificou que há pouca interação entre os Grupos de Trabalho (GT). A proposta é realizar reuniões entre GT's para potencializar a comunicação.

Concluindo, o relacionamento entre CTEM, Yebá e CSA-HPN está em construção e os aprendizados já apontados pelo texto: “escola de extensão”; pomar agroflorestal; entusiasmo e organização; registro do projeto; impacto na horta convencional; profissionalismo dos e das estudantes; cooperação e produção científica são fundamentais para todos envolvidos. Portanto é importante construir um meio termo entre frequência, seriedade de planejamento e boa comunicação para o seguimento das atividades deste projeto de extensão com tamanho potencial de transformação.

Tomando como base o artigo de Ribeiro et al. (2006) é necessário se atentar a quatro pontos principais: bom planejamento feito coletivamente para adaptar as demandas dos parceiros envolvidos; um estudo constante e aprofundado sobre extensão universitária e os temas relacionados aos projetos; um equilíbrio entre os tempos da universidade e da sociedade; e por fim, uma avaliação constante e postura crítica às próprias ações.

Portanto, os objetivos deste trabalho foram cumpridos. Após a sistematização e reflexão em torno do projeto de extensão “Mutirão” do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia, pode-se analisar as dificuldades enfrentadas e os aprendizados adquiridos durante o processo de mutirões. Realiza-se aqui uma autocrítica em torno da atuação do grupo. O saldo final é bastante positivo, os aprendizados foram superiores aos aspectos negativos e as dificuldades foram importantes para serem superadas e utilizadas como experiência.

## 6 Referências Bibliográficas

ABREU PHB. **Construção de um processo social participativo de promoção de saúde para a superação do modelo do agronegócio: A experiência camponesa a partir da agroecologia em Lavras – MG** [Tese Doutorado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 2018.

ABREU PHB. **O agricultor familiar e o uso (in)seguro de agrotóxicos no município de Lavras, MG** [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2014.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável/ Miguel Altieri,-3.ed. ver.ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular,AS – PTA 2012. 400p: il. graf. tabs.**

ANDEF Associação Nacional de Defesa Vegetal. Manual segurança e saúde do aplicador de produtos fitossanitários. Campinas: Linea Creativa; 2006.

ANDEF Associação Nacional de Defesa Vegetal. Manual de tecnologia de aplicação de produtos fitossanitários. Campinas: Linea Creativa; 2004.

CADERNO de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico / André Biazoti, Natália Almeida, Patrícia Tavares (organização) – 1. Ed. – Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

CAMPANHA Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. Brasil. Site. Disponível em: <<http://contraosagrototoxicos.org/>> acesso em 8 de maio de 2019.

CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira de. Princípios e perspectivas da agroecologia. **Curitiba: Instituto Federal do Paraná**, 2011.

CARDOSO, Irene Maria et al. **Manejo sadio dos solos**. 2008.

CARTA da 17ª Jornada de Agroecologia. Curitiba, 9 jun. 2018. Site. Disponível em <<http://www.jornadaagroecologia.com.br/?p=4976>> acesso em 8 de maio de 2019.

CHAVEZ-TAFUR, Jorge. **Aprender com a prática: uma metodologia de sistematização de experiências. Agriculturas experiências em Agroecologia, Brasil: AS-PTA - 2007.**

COELHO, F. M. G. **A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos**. 2. ed., rev. e ampl. Viçosa, MG: Suprema, 2014.

COMUNIDADE SENDO AGRICULTURA - CSA Horta Pro Nobis. Lavras: Gangorra Audiovisual, 2013. Site. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4HO8ZHmF7tk&t=13s>> acesso em 8 de maio de 2019.

COSTABEBER, José Antônio; MOYANO, Eduardo. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 4, p. 50-60, 2000.

CSA Brasil. Brasil. 2015. Site. Disponível em: <<http://www.csabrasil.org/csa/>> acesso em 8 de maio de 2019.

CSA - Comunidade Sendo Agricultura Horta Pro Nobis. Lavras, 2017. Site. Disponível em <<https://csahortapronobis.wixsite.com/hortapronobis?fbclid=IwAR1cp5J9W9jWxkwQAfdEE0cL9TFzI82TTiBdp-X2nWi11g3CcvKMkCqQXFk>> acesso em 8 de maio de 2019.

ESTEVEES, João Pissarra. **A persuasão na ordem da interação: paixão e mistérios do cotidiano na sociologia de Erwing Goffman.** Revista Comunicação e Linguagens, Lisboa, n. 14, p. 55-68, 1991.

FÓRUM de Pró-Reitorias de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - FORPROEX. 2012. Manaus. Política Nacional de Extensão Universitária. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2015.

FRANCKE, Marfil; MORGAN, María de la Luz. **La sistematización: apuesta por la generación de conocimientos a partir de las experiencias de promoción.** Escuela para el desarrollo, Lima, 1995.

FREIRE, Adriana Galvão et al. **Sistematização: conhecimento que vem das práticas.** 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?.** 16. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Zahar, 2014.

GERTLER, Allan Jordy et al. A Preferência por Alimentos Orgânicos e a Agroecologia Como Chave Para a Mudança de Hábitos Alimentares. **Cadernos de Agroecologia**, v. 14, n. 1, 2019.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências.** Projeto de Apoio ao Monitoramento e Análise - AMA, Brasília, 2006.

I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>> Acesso em: 01 de junho de 2019.

MODELO para elaboração de projetos de extensão. Lavras, 2019. Site. Disponível em <<http://proec.ufla.br/programas-e-projetos/18-coordenadorias/programas-e-projetos/25-modelo-para-elaboracao-de-projetos-de-extensao>> acesso em 8 de maio de 2019.

FRANCKE, Marfil; MORGAN, María de la Luz. **La sistematización: apuesta por la generación de conocimientos a partir de las experiencias de promoción.** Escuela para el desarrollo, Lima, 1995.

ORTEGA, Joana et al. Panorama das comunidades que sustentam a agricultura (CSA): os movimentos no Brasil e Europa. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

PEREIRA, V. S.; SCATOLINO, R. M. L. S.; GONÇALVES, A. V.; MENDES, R. S.; MORAES, K. S. **Yebá: construindo a extensão universitária através da agroecologia.** Interagir: pensando a extensão, n. 22, p. 112-120, jul-dez. 2016.

PETERSEN, Paulo. **Construção do conhecimento agroecológico: novos papéis, novas identidades.** Articulação Nacional em Agroecologia, 2007.

POPE, C.; Mays, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M.; CASTRO, B. S. **Universidade, extensão e desenvolvimento rural: uma experiência no vale do Jequitinhonha.** Agriculturas, v. 3, n. 4, p. 6-10, dez. 2006.

SELENER, Daniel; PURDY, Christopher; ZAPATA, Gabriela. **Documenting, evaluating and learning from our development projects: A participatory systematization workbook.** International Institute of Rural Reconstruction, 1996.

SÍTIO Duas Cachoeiras. Amparo - SP, 2018. Site. Disponível em: <<http://sitioduascachoeiras.org.br/>> acesso em 8 de maio de 2019.

SOUZA, J. P. M.; LAGE, B. G. P.; RODRIGUES, R. W.; FONTES, R. E. **Experiências em um circuito curto de comercialização: o caso dos membros da comunidade sustenta a agricultura (CSA).** In: CONGRESSO SOBER, n.º56, 2018, Campinas. Anais. .. Campinas.

## APENDICES

### APÊNDICE A – Quadro da sistematização

#### 1 – Delimitação da experiência:

Título	Sistematização da experiência do projeto de extensão “Mutirão” do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia
Âmbito de Intervenção (Localização)	Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia (CTEM), localizada na comunidade Ponte Alta, zona rural de Lavras – MG.
Grupos-meta (participantes)	- Integrantes do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá (Yebá); - Integrantes da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Horta Pro Nobis, por meio do Grupo de Trabalho (GT) Mutirão, GT Produção e GT Educação; - Coordenadores e monitores da CTEM.
Data de início e duração	Início em dezembro de 2016 Duração de 2 anos e 5 meses
Estratégia	- Estímulo às inovações técnicas (horta agroflorestal) e organizativas (auto-gestão); - Resgate e valorização das dinâmicas tradicionais de mobilização dos

	<p>recursos coletivos (mutirões);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Intercâmbio de experiências e gestão compartilhada dos recursos na implementação das ações (troca de saberes).</li> </ul>
Componentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação em Agroecologia;</li> <li>- Formação em gestão compartilhada de grupo de estudos e de condução e organização de mutirões.</li> </ul>
Objetivos	<p>Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir sobre o projeto de extensão “Mutirão” do Núcleo de Estudos em Agroecologia Yebá na Comunidade Terapêutica Eterna Misericórdia por meio de uma sistematização da experiência.</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- sistematizar a experiência dos mutirões organizados pelo Yebá na CTEM;</li> <li>- analisar as dificuldades e aprendizados da realização dos mutirões na CTEM.</li> </ul>
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A CSA Horta Pro Nobis se organiza através de GT’s e os que estão envolvidos nessa sistematização são o GT Mutirão, O GT Produção e o GT Educação;</li> <li>- O GT Mutirão é um braço do GT Produção, por isso suas ações são potencializadoras umas das outras;</li> <li>- O Yebá integra e lidera o GT Mutirão, que tem participantes que não necessariamente fazem parte do Yebá;</li> <li>- A CTEM é uma Comunidade Terapêutica, onde recebe homens em situação de dependência química ou incapazes de se sustentar e os auxilia por meio de abrigo e tratamento através de laborterapia (terapia através do trabalho);</li> <li>- A Horta agroflorestal implantada é uma opção agroecológica de trabalho e tratamento para os acolhidos;</li> <li>- O Yebá é responsável por auxiliar no manejo da Horta agroflorestal juntamente com os acolhidos da CTEM.</li> </ul>
Problemática	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produção de alimentos diversificados e orgânicos para compor a cesta da CSA;</li> <li>- Implantar e manejar uma Horta agroflorestal.</li> </ul>
Antecedentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pedro Abreu ouviu falar sobre CSA em Campinas, em um evento de Agricultura Orgânica que estava ajudando a organizar em 2014;</li> <li>- Quando ele voltou a morar em Lavras, se reuniu com sua companheira Lídia, Marlon, João Maurício e Marina para formarem o Coletivo Ninho de Guacho no ano de 2016. Eles tinham o sonho de fazer algo bom para a cidade.</li> <li>- Um dia a trabalho no posto de saúde, Pedro encontrou com o Dinho, que trabalha na CTEM e estava vendendo verduras para o pessoal do posto;</li> <li>- O Ninho de Guacho então visitou a CTEM em agosto de 2016;</li> <li>- Após essa visita, o Ninho de Guacho se reuniu com mais algumas pessoas e financiam um curso na CSA Brasil em Botucatu no final de 2016;</li> <li>- A primeira ação pública aconteceu devido ao dia 3 de dezembro (Dia Internacional de Luta pela Vida e Contra os Agrotóxicos), que aconteceu no dia 4, na Casa da Cultura. Ali foi apresentado o trabalho de Mestrado do Pedro com o Uso Inseguro de Agrotóxicos nas Comunidades Rurais de Lavras e uma possibilidade de caminho para esse problema que é a CSA;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Após esse primeiro encontro, uma semana depois, 11 de Dezembro, marcou-se uma reunião para iniciar a construção da CSA;</li> <li>- Foram então realizadas diversas reuniões para organizar os detalhes e construir o estatuto, até que no dia 28 de janeiro de 2017 foi feita a Assembleia de fundação da CSA na CTEM;</li> <li>- Após isso, começamos a pegar as cestas, mas vimos que a diversificação estava muito limitada e precisaríamos fazer uma intervenção no sentido de diversificar a cesta;</li> <li>- Realizamos um curso de Horta Agroecológica na CTEM com Guaraci, do Sítio Duas Cachoeiras, para nos formamos e pensarmos juntos em como colocar adiante a ideia de diversificar a produção. O curso foi muito bom, mas ainda não colocamos na terra aquilo que estava em nossos sonhos;</li> <li>- O GT Produção começou a pensar junto no que fazer e foi quando Raul e Rubens chegaram com a proposta de fazer uma horta agroflorestal;</li> <li>- Eles tinham realizado um curso com Juan, Biólogo e discípulo do Ernest Gotsh, sobre horta agroflorestal e após o curso o grupo formou o RAES (Rede de Agroecologia e Economia Solidária), em Varginha e Três Pontas - MG;</li> <li>- A forma de implantação da horta agroflorestal é por meio de mutirão, e realizamos em um dia o primeiro módulo de 15 metros na CTEM;</li> <li>- Isso foi fruto de uma parceria entre o RAES e a CSA, onde a CSA ficaria por dar um retorno para o grupo, na época em início de formação, em como eles poderiam formar sua própria CSA;</li> <li>- Após a implantação, que se deu no início de junho de 2017, vimos a necessidade de continuar auxiliando a CTEM no manejo da Horta agroflorestal;</li> <li>- O GT Mutirão se consolidou no início de 2018.</li> </ul>
--	--

## **APÊNDICE B – Relatoria de duas reuniões e de um mutirão**

### **Relatorias de reuniões**

Data: 07/02/2018

Local: Casa da Fernanda

Presentes: Danilo, Fernanda, Pauly, André B., Oshiro, Gil, Raul.

Relator: Gil

-Repasse do último mutirão;

-Avaliação do mutirão;

-Encaminhamento das conversas sempre para Dinho e Tinho, pois o Dão está trabalhando na cidade.

-Propostas para próximo mutirão:

-Prezar pela hora;

- Chegar às 7hs e fazer Tai Chi Chuan antes;
- Fazer mutirão específico para madeira;
- Arrumar o composto no G-óleo;
- Ver biofertilizante que foi feito no encontro com agricultores.

Tarefas:

- 1 – Olhar quando o caminhão estará funcionando – Gil
- 2 – Olhar quando e onde podemos pegar serragem – André B.
- 3 – Olhar quando o trator estará funcionando para podemos plantar o capim – Gil
- 4 – Olhar na compostagem quando podemos pegar composto – Oshiro e Gil
- 5 – Olhar onde podemos pegar toco de madeira – Raul e Danilo
- 6 – Marcar um dia para acabarmos de confeccionar os cartazes autoexplicativos – Tod@s

Data tirada para o próximo mutirão na CTEM – 24/03

Data: 14/05/2018

Presentes: Gil Pedro, Vimvivenci, Oshiro, Hernani.

-Demandas da CTEM: - arrumar irrigação – plantio de novas mudas – preparar novos canteiros – adubar – calda para inseto que esta atacando o tomate (Molibdato de sódio) – abrir luz nos canteiros entre as linhas de agrofloresta.

-Tarefa referente ao mutirão passado: - conferir pegamento do vetiver.

### **Relatoria de Mutirão**

Data: 19/05/2018

O mutirão se iniciou às 8hs com uma roda de conversa onde os participantes puderam ouvir as demandas dos acolhidos da casa em relação aos trabalhos na horta. A secretaria operativa do GT já sabia algumas tarefas necessárias, pois já havia estado em contato com os monitores da horta a fim de colher essas demandas, mas como sempre, houve novas demandas e estas foram prontamente ouvidas, discutidas e planejadas em coletivo.

A partir dessa conversa inicial, onde os participantes do mutirão entenderam de forma mais completa possível os trabalhos demandados dividimo-nos em grupo/frentes de trabalho para cada tarefa. Foram elas:

- instalar/reinstalar/organizar irrigação;
- plantio de mudas;

- Incorporar esterco;
- Espalhar palha seca nos canteiros;
- Preparar calda com molibdato de sódio e biofertilizante para aplicar nas mudas;
- tirar fotos.

Partimos para os trabalhos.

Depois do almoço fizemos uma roda de conversa (o que se tornou frequente a partir da experiência) onde abordamos vários temas:

1º: o que/como ocorreu todo o processo até chegarmos a horta? Relembramos desde o início, antes de instalá-la. Para isso contextualizamos o trabalho do Pedro Abreu e do Ninho de Guaxo; o curso com a CSA Brasil; Assembleias para escrita do estatuto e início das cestas com a CTEM.

2º: de onde veio a ideia de fazer a horta agroflorestal? Contextualizamos o trabalho do RAES e o curso que eles tiveram com o Juan.

3º: fizemos repasses gerais e de atividades que irão acontecer na cidade.

À tarde retornamos aos trabalhos até a chuva impossibilitar. Tomamos café ao fim do dia junto com os acolhidos, nos despedimos e voltamos para nossas casas.

O mutirão se mostra uma ferramenta muito potente de troca de experiências, seja ela técnica ou não. Os sujeitos envolvidos aprendem, ensinam, formam-se politicamente e estabelecem redes de relacionamentos que extrapolam aquele momento. O mutirão é uma tecnologia social de organização que se adapta a cada realidade e está sempre em transformação.

## **APÊNDICE C – Questionário de apoio para entrevista semiestruturada com CTEM**

1º Questões gerais para acessar a memória e coisas abrangentes:

- 1- Hoje quem é o coordenador Geral e quem são os monitores de cada área?
- 2- Quem foram os outros coordenadores que estiveram aqui, ele dava feed back das reuniões e assembleias da CSA-HPN?
- 3- Desde quando está aqui? O que lembra sobre a horta?
- 4- Qual é o histórico da área? Quais pragas e problemas tinham antes e agora quais têm?

2º Entendimento da CSA e da horta:

- 1- Existe dúvida sobre o funcionamento da CSA-HPN? O que acha da CSA-HPN?
- 2- Existe dúvida sobre o funcionamento da horta? O que acha da horta? Acha que ela é importante?
- 3- Dentre as técnicas necessárias ao manejo da horta, quais acha que são adaptadas à realidade da CTEM e quais acha que não são adaptadas? Por quê?

### 3º Entendimento do Yebá, dos mutirões e da Agroecologia:

- 1- Quais diferenças de tratamento que percebe entre Yebá/acolhidos e outros núcleos/acolhidos?
- 2- Quais são os pontos positivos e os pontos negativos das atividades do mutirão?
- 3- O que acha que deu certo com relação às técnicas empregadas na horta? O que não deu certo?
- 4- Após um ano e meio de manejo da horta, o que você entende pelo que a gente faz?

### 4º Hoje o que a horta colabora para CTEM:

- 1- Como você enxerga a importância da horta?
- 2- Quais foram, em sua opinião, os pontos positivos e os pontos negativos dessa implantação?
- 3- Você observa uma melhora significativa nos acolhidos que trabalham na horta? Por quê?
- 4- Qual é a maior contribuição que a horta traz? Terapêutica ou econômica?

### 5º Sugestões para CSA-HPN e horta:

- 1- O que você acha que deve ser feito para que a horta cumpra seu papel de ser terapêutica?

- 2- Você tem propostas para melhorar a relação: GT Mutirão – Acolhidos; GT Mutirão – CTEM; Acolhidos – Acolhidos? Observando especificamente o caso da horta.
- 3- Diante de toda nossa conversa o que você sugere para CSA-HPN? E para a horta? O que seria interessante para vocês?